

UNIESP
•• União de Escolas Superiores Paraíso ••

www.uniespmg.edu.br - (35) 3558 6261

ISEP
•• Instituto Superior de Educação Paraíso ••

UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES PARAÍSO

**A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

AUTORA: ANDREZA DE CÁSSIA PEREIRA PASCHOA

ORIENTADOR: ADILSON VIEIRA DE PÁDUA

**São Sebastião do Paraíso - MG
2009**

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: ANDREZA DE CÁSSIA PEREIRA PASCHOA

Monografia apresentada à
UNIESP – União de Escolas
Superiores Paraíso, como parte
dos requisitos para obtenção do
título de Licenciatura em
Pedagogia.
Orientador: Adilson Vieira de
Pádua

**São Sebastião do Paraíso
2009**

Folha de Avaliação

TEMA

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente ao Divino Pai Eterno, pois sem ele eu não existiria e não conseguiria concretizar meus ideais.

A minha avó Placidina Augusta David, que com sua longa experiência de vida soube me orientar, me apoiando e me incentivando a ser alguém.

A minha mãe pela dedicação, carinho, amor e incentivo.

Ao meu filho Brenno, pelas noites em ficamos afastados e pelos momentos de saudades que sentimos em razão desta jornada.

A minha amiga Ligia Maria Bertuzzi Pimenta (*in memoriam*), que sempre estará em meu coração... Saudades.

A minha afilhada Andrezi Carolini Bertuzzi Pimenta, com carinho e amor.

As minhas amigas pelo carinho e apoio dedicado ao longo desses três anos e meio.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Lázinho, pela dedicação, carinho, respeito e amor. Pois sem o apoio dele nada teria sentido em minha vida.

Amor...

[...] Assim como o oceano;

Só é belo com o luar.

Assim como a canção;

Só tem razão se se cantar.

Assim como uma nuvem;

Só acontece se chover.

Assim como o poeta;

Só é grande se sofrer.

Assim como viver sem;

Ter amor não é viver!

Não há você sem mim e

Eu não existo sem você!!!

Ao professor Adilson Vieira de Pádua, que com sua vasta sabedoria, me orientou para que esse trabalho fosse realizado.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	10
1.1 A ORIGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	11
1.2 OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
1.3 O DESENVOLVIMENTO CIVILIZATÓRIO E A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS..	14
1.4 A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
1.5 A ESCOLA LÚDICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
1.6 METODOS E FORMAS DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	20
1.7 A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	22
CAPÍTULO II – A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS.....	25
2.1 A EVOLUÇÃO DOS CONTOS DE FADAS.....	27
2.2 O SIGNIFICADO OCULTO DOS CONTOS DE FADAS.....	29
2.3 DE QUE FORMA SE PODE TRABALHAR COM OS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	30
CAPÍTULO III – A IMPORTANCIA DOS CONTOS DE FADAS NA FORMÇÃO DA PERSONALIDADE.....	32
3.1 FATORES POSITIVOS PARA UM AMBIENTE EDUCACIONAL.....	35
3.2 O CONTO DE FADA COMO FORMATO PEDAGÓGICO PARA A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	36
3.3 OS TRÊS PORQUINHOS: UM MSITO DE REALIDADE E APRENDIZAGEM.	37
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

RESUMO

Os contos de fadas fazem parte da vida da criança desde o momento em que ela entra na Educação Infantil ou até mesmo, no momento em que ela se interessa por figuras e desenhos. O reconhecimento de personagens, a influência benéfica das histórias e suas riquezas no desenvolvimento da imaginação e da interpretação da realidade devem ser trabalhados de forma consciente por parte dos educadores. Portanto, os contos de fadas são de máxima importância na Educação Infantil. Sua influência com relação à emoção, sensibilidade, exercício da imaginação, a formação da personalidade infantil e melhora no desenvolvimento da fala. Assim, o presente trabalho teve como objetivo geral mostrar e estudar como os contos de fadas são importantes para o desenvolvimento global da criança, sobretudo na Educação Infantil. Justificou-se o tema devido à observação rotineira de crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos em como os contos de fadas enriquecem-nas em todos os aspectos, além de contribuírem em seu desenvolvimento de diversas formas. A pesquisa foi trabalhada através de um levantamento bibliográfico, em que foram consultados revistas, livros e artigos que tratam do assunto.

1 – Introdução:

Os contos de fadas como qualquer outra estória acompanhou ao longo dos tempos as evoluções da humanidade, e pode se notar que em determinada épocas da história eles estão presentes.

Os contos de fadas como qualquer outro tipo de história, contribuem para com o desenvolvimento da imaginação e da interpretação da realidade e também para a formação da personalidade infantil.

Deve-se haver um maior estímulo para que as crianças se interessem cada vez mais por esse tipo de história e narrativa. Pois este tipo de leitura contribui para que as crianças consigam desenvolver o lado imaginário da interpretação da realidade.

Tudo isso através do lúdico e do faz de conta, passando até a se identificar com alguns personagens, conseguindo solucionar certos problemas de forma livre das pressões da realidade imediata, não se expondo claramente.

Para se educar uma criança é necessário haver diversas formas de aprendizagem, e sempre considerar a educação como uma sucessão de mudanças globais.

Nas salas de aulas encontramos diferenças individuais, e alunos que necessitam de um tratamento que seja diferenciado, pois cada aluno tem seu tempo na aprendizagem.

Deve-se então promover atividades que ajudem no desenvolvimento infantil num contexto geral, como por exemplo: histórias contadas de uma maneira diferente sem a utilização dos livros nas mãos.

Contar a história sem ficar utilizando métodos tradicionais faz com que a criança se interesse cada vez mais e desenvolvam seu lado imaginário, de forma menos monótona.

Deve se fazer com que esse momento, torne-se prazeroso para o aluno. Os contos e fadas se forem bem trabalhados em sala de aula, também contribuem para o desenvolvimento da fala e da criatividade por isso deve-se aproveitar todos os

momentos em que surge a oportunidade de se estar utilizando os contos como formato pedagógico.

Portanto este trabalho tem como objetivo geral mostrar como os contos de fadas são importantes para o desenvolvimento da criança, sobretudo na Educação Infantil.

Tendo como objetivos específicos, despertar nas crianças o gosto pela leitura e narrativa, proporcionando o interesse para formulações textuais com idéias, pois os contos de fadas têm papel fundamental na formação dos alunos seja ele de qual idade for.

A pesquisa será trabalhada através de um levantamento bibliográfico, em que foram consultados revistas, livros e artigos que tratam do assunto.

CAPITULO I

A Educação Infantil

A Educação Infantil é a parte que integra a Educação Básica, e uma das áreas educacionais cuja demanda tem sido cada vez maior. É o período escolar que se ensinam crianças entre 0 a 6 anos.

No Brasil, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) considera as instituições de ensino que atendem crianças de 0 a 3 anos como “Creche”, e aquelas que atendem crianças de 4 a 6 anos como “Pré-Escola”.

A “Educação Infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. A educação infantil será oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade.” (LDB art. 29 e 30).

O Projeto de Lei nº. 144/2005, aprovado pelo Senado em 25 de Janeiro de 2006, recentemente estabeleceu uma mudança quanto ao atendimento das crianças no período pré-escolar, sendo que a duração mínima passa a ser de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Os Municípios, Estados e Distrito Federal devem se adequar as essas mudanças até o ano de 2010.

Nesse período os sistemas de ensino terão prazo para adaptar-se ao novo modelo de pré-escolas, que agora passarão a atender crianças de 4 a 5 anos de idade.

1.1 A origem da Educação Infantil no Brasil

Segundo o site Wikipédia (enciclopédia on-line, 2009), o atendimento de crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos, teve sua origem com as mudanças da sociedade e da economia, que foram causadas pelas revoluções industriais em todo o mundo.

A partir desse momento as mulheres passam a ter necessidade de deixarem seus lares, abandonando seus afazeres domésticos e a criação de seus filhos, para se dedicar ao mercado de trabalho.

Então a partir da necessidade que as pessoas tinham em cada vez mais da busca de melhores condições de vida e pela pressão de trabalhadores urbanos, dá se início ao atendimento da Educação Infantil (termo que é utilizado hoje quanto o atendimento de crianças de 0 a 6 anos de idade), no Brasil.

Em 1920, as instituições tinham caráter filantrópico e eram caracterizadas pelo complicado acesso do período imperialista e colonial da história brasileira, nessa mesma década, dá se início a uma mais nova configuração.

Segundo Kramer (1995), na década de 20, passa-se a resguardar a democratização do ensino e a educação passou a significar possibilidade de promoção social e defendida como direito de todas as crianças, todas sendo respeitadas e tratadas como iguais.

Já na década de 30, o estado passa a ostentar o papel da busca de financiamento com os órgãos privados que passariam a ser colaboradores com a proteção da infância.

A partir daí foram criados vários órgãos que objetivavam a assistência à infância, dentre eles pode se destacar: o Ministério da Saúde, o Ministério da Justiça e Negócios Interiores, a Previdência Social e Assistência Social, o Ministério da Educação e também a iniciativa privada.

Nesta década porém começam então a preocupar se mais com a educação física e com a higiene das crianças, como pontos do desenvolvimento delas, sendo seu objetivo principal combater a mortalidade infantil.

A partir daí inicia – se uma organização de forma desordenada de jardins de infância, pré-escolas e creches, sempre utilizando se de uma perspectiva de emergência, como se pudessem resolver todos os problemas infantis criados pela sociedade de uma vez só.

Já em 1940, surge o departamento Nacional da Criança, que tem por finalidade ordenar as atividades que são dirigidas à maternidade, infância e adolescência, que era administrado pelo Ministério da Saúde.

Na década de 50, houve uma forte tendência médico-higiênica do Departamento Nacional da Criança, que desenvolveu várias campanhas e programas, que segundo Kramer,(1995),

"... combate à desnutrição, vacinação e diversos estudos e pesquisas de cunho médico realizadas no Instituto Fernandes Figueira. Era também fornecido auxílio técnico para a criação, ampliação ou reformas de obras de proteção materno-infantil do país, basicamente hospitais e maternidades".

Na década de 60, o Departamento Nacional da Criança, passa a ter um enfraquecimento e acaba por transferir algumas de suas responsabilidades para outros setores, prevalecendo o caráter médico-assistencialista, enfocando suas ações em reduzir a mortalidade infantil.

Na década de 70, há a promulgação da Lei nº 5.692, de 1971, na qual faz referência a Educação Infantil, e dirige-se como conveniente a educação em jardins de infância, escolas maternais e instituições que fossem equivalentes.

Também foi sugerido em artigo onde constava que as empresas particulares, nas quais tivessem mulheres com filhos que fossem menores de 7 (sete) anos, deveriam ofertar o atendimento educacional, para estas crianças.

Esta lei recebeu diversas críticas, pela sua dificuldade em sua realização, pois não havia programas específicos que estimulassem as empresas em criar pré-escolas.

A partir dessa volta ao passado podemos perceber que a Educação Infantil surgiu com caráter de prevenção a vida, com o intuito de prestar assistência e não com o intuito educativo, não se relacionando tanto com o fator educacional, que no caso também deveria ser um item importante.

1.2 Objetivos da Educação Infantil

A Educação Infantil é uma fase essencial da aprendizagem. Ela tem como objetivo iniciar a criança na vida escolar, fazendo com que ela desenvolva uma imagem de si, agindo de forma cada vez mais clara e autônoma, fazendo com que ela tenha a percepção de suas capacidades e limites.

Segundo Monte; Búrigo (2003), a Educação Infantil tem por finalidade contribuir para que ocorra o desenvolvimento integral da personalidade formada nessa etapa da vida por meio da esfera cognitiva (formada pela linguagem, senso-percepção, pensamento, memorização ativa, atenção e imaginação), afetiva (formada pelas emoções, paixões e sentimentos), e conativa (formada pela vontade, atitude, propósitos, intenções, aptidões, hábitos, conduta de persistência entre outras características relativas à relação do sujeito com os outros).

Os educadores devem fazer com que essas crianças conheçam e descubram gradualmente seu corpo, seus potenciais, limites, desenvolvendo hábitos de cuidados com sua saúde física e bem estar.

O incentivo a criança a criar, possibilita que haja um maior aproveitamento quanto à aprendizagem. Deve-se, portanto, respeitar as diversidades, estabelecendo relações sociais.

A partir daí, ir permitindo que a criança tenha sua própria aprendizagem, adaptando ela ao seu meio, fazendo assim com que ela aprenda trocar experiências.

Ao poucos ela passa a criar vínculos afetivos com crianças e adultos, fortalecendo assim sua auto-estima, e amplia progressivamente suas possibilidades de interação social.

A utilização de brincadeiras ajuda a criança a expressar suas emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades de demonstrar ideias, avançando assim em seu processo de construção de significados, enriquecendo sua capacidade de se expressar.

1.3 O Desenvolvimento Civilizatório e a Inserção das Crianças

Os primeiros anos de vida de uma criança são considerados essenciais para a sua sequência vital, pois nessa fase podem acontecer fatos, que pode ocasionar traumas que acabaram deixando marcas, que poderão influenciar pelo resto da vida de uma criança.

Em contato com a família, amigos próximos, professoras e até com os colegas de escola, as crianças conseguem ir constituindo através de um processo, a sua personalidade, os princípios morais e éticos, que serem desencadeados em valores e atitudes presentes no cotidiano da criança.

Ao nascer a criança começa a viver em um processo de socialização, ou seja, ela tende a se adaptar a costumes, regras, hábitos, as formas de ser e agir e passa a desenvolver a linguagem.

A infância vem desaparecendo cada vez mais cedo, pois a criança passa a se assemelhar cada vez mais ao mundo que a rodeia, ou seja, vão sendo diminuídas as possibilidades de expressar e de amar.

Segundo Adorno (1995),

“No caso tipo com tendências a fetichização da técnica, trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar. Isso não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas”.

As crianças têm se assemelhado cada vez mais ao mundo dos adultos, podemos perceber isso através das brincadeiras e jogos em que elas têm

participado, pois através deles, elas vão descobrindo experiências em seu próprio mundo.

Segundo o importante teórico da escola de Frankfurt, Valter Benjamim, (1993),

Os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de modo algum a imitação de pessoas. A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também de moinho de vento e de trem.

As crianças atualizam o que está em seu mundo de experiências com bases nas brincadeiras que são vivenciadas na infância, passando assim a adquirir a possibilidade de conhecer a si mesma.

Muitas vezes quando a criança esta brincando, ela encena determinados papéis co-relacionados a ela, fazendo isso de forma intuitiva e única, ou seja, ela não necessariamente copia determinados modelos de movimentos.

A transcendental mudança entre a realidade e a fantasia, não podem ser determinados de forma racional, pois quando a criança age de forma intuitiva e espontânea ela não procura formas de atingir um determinado interesse prévio na busca do sucesso.

1.4 A Aprendizagem na Educação Infantil

A educação escolar deve começar a partir dos 6 (seis) anos de idade, que é quando a nossa nova legislação torna obrigatória a frequência da criança na escola, mas e desde o nascimento que a aprendizagem começa.

Através dos 5 sentidos (audição, paladar, tato e visão), o bebê já começa a aprender sobre o mundo que o rodeia. O cérebro então a partir daí começa a obter

um desenvolvimento gradual se a mãe o amamenta, conversa, abraça e massageia o bebê.

Nessa etapa segundo Monte, Búrigo (2003) a criança passa a ingressar num mundo de relações sociais que abre todas as possibilidades de aprendizado e de formação de si mesmo como sujeito.

Ao entrar na Educação Infantil a criança passa a entrar em contato com o conhecimento. Contudo o professor deve antes de tudo, conhecer as fases do desenvolvimento da fixa etária com a qual irá trabalhar ou trabalha, pois as fases de desenvolvimento determinam como a aprendizagem deve ser trabalhada. Deve-se então impulsionar os alunos ao máximo para que construam seus conhecimentos.

É bom lembrar, que cada autor classifica as etapas de desenvolvimento de maneiras diferentes.

Bee, (1986) caracteriza os estágios dessa forma,

(0-1 mês) – Quase que totalmente centrado no exercício dos reflexos como a sucção ou a visão. Este reflexo se modificou (através da acomodação) em função da experiência.

(1-4 meses) – O bebê tenta fazer com que coisas interessantes que aconteceram com seu corpo ocorram novamente, como colocar o dedo na boca.

As explorações táteis e visuais também são mais sistemáticas. Mas os bebês dessa idade ainda não parecem distinguir seu corpo dos objetos ou eventos externos. Eles não relacionam suas próprias ações aos resultados externos das mesmas.

(4-10 meses) – O bebê tenta fazer com que coisas interessantes do exterior aconteçam novamente, como o movimento de um móvel quando se bate nele. Ele também começa a coordenar as informações provenientes de dois canais sensoriais e desenvolve o conceito de objeto. Ele compreende, até certo ponto, que suas próprias ações podem produzir efeitos no exterior.

(10-12 meses) – O bebê começa a combinar ações para conseguir as coisas que deseja, como derrubar um travesseiro a fim de achar um brinquedo. Ele usa as estratégias familiares em combinação e em novas situações.

(12-18 meses) – Começa a “experimentação”; o bebê tenta novas maneiras de brincar com os objetos ou manipulá-los. O aprimoramento das capacidades motoras também torna a exploração muito mais ampla.

(18-24 meses) – A representação interna agora evidencia-se prontamente; a criança usa imagens, talvez palavras ou ações, para significar os objetos e pode fazer manipulações internas primitivas com essas representações. E aparecem também aqui os jogos de exercícios.

Já para Piaget a sequência de desenvolvimento sempre será idêntica. Os estágios segundo ele, são classificados da seguinte maneira:

O estágio sensório-motor (de 0 (zero) a aproximadamente 2 (dois) anos); estágio objetivo-simbólico (aproximadamente de 2 (dois) a 6 (seis) ou 7 (sete) anos); estágio operacional concreto (aproximadamente de 7 (sete) a 11 (onze) ou 12 (doze) anos) e estágio operacional-formal ou abstrato (de 11 (onze) ou 12 (doze) anos a 14 (quatorze) ou 15 (quinze) anos).

De acordo com Monte, Búrigo (2003) as etapas de desenvolvimento infantil e atividades são divididas em:

Em primeiro as atividades que são predominantes durante o 1º (primeiro) anos de vida: Atividades Exploratórias e de Comunicação Emocional.

Em segundo as atividades que são predominantes durante o 2º (segundo) ano de vida: Atividades Intencionais.

Em terceiro as atividades que predominam entre o 3º (terceiro) e 7º (sétimo) ano de vida: Etapa das Atividades Lúdicas ou do Brincar.

Eles consideram que os primeiros 6 (seis) anos de vida da criança, como os mais importantes para o desenvolvimento humano, pois é ao longo deles que vão

se criando e consolidando-se as bases fundamentais para que haja o desenvolvimento da sua personalidade.

Para Goulart, (1982),

O desenvolvimento é um termo complexo, embora diretamente associado ao processo total de modificação, incluindo comportamentos mais elevados do indivíduo, resultantes do crescimento e amadurecimento físico, assim como da estimulação variada do ambiente.

A partir do momento em que a criança chega à escola, ela deve ser bem estimulada. Os professores devem utilizar atividades lúdicas adequadas a fim de proporcionar as crianças possibilidades de desenvolvimento global.

As brincadeiras, jogos educativos e atividades lúdicas, devem prevalecer como forma de aprendizagem, na Educação Infantil.

As crianças devem ser incentivadas e estimuladas com essas atividades lúdicas para que haja a construção do conhecimento em diversas áreas.

Durante os seis primeiros anos de vida a criança precisa de experiências físicas, experiências sociais e educativas específicas para que ela atinja seu completo desenvolvimento.

Pois quanto mais nova a criança for também será fácil para que ela assimile o que lhe for ensinado, quanto mais velha for mais difícil será essa assimilação, pois as conexões neurológicas serão criadas lentamente.

Segundo Richmond, (1987),

Cada passo à frente no desenvolvimento intelectual exige aplicação do que já foi compreendido, seguida por um ato de ajustamento no qual o conhecido é modificado pelo desconhecido.

Quanto mais estimulada for a nossa criança, mais estimulação cerebral ela formará. Para Sneyders (1996), ao se educar estamos indo em direção a alegria.

Devemos, porém, ter muito cuidado para não sobrecarregar nossas crianças com atividades, gerando, ao invés da aprendizagem, um grande estresse, rompendo dessa forma, os elos com a aprendizagem.

1.5 A Escola Lúdica de Educação Infantil

A escola lúdica tem como finalidade a promoção da interação com a sociedade em um contexto com o todo, promover o desenvolvimento de habilidades intelectuais e físicas dos alunos, os ensinado a viver em grupo, aprendendo a ouvir e sempre trocando ideias.

Por ser tão estimulante consegue fazer com que seus alunos sintam prazer em frequentá-la, pois conseguem aprender coisas novas com relação ao mundo em que vivem, tanto quanto a escrita e cálculos, como também aguçando assim sua curiosidade e aprendendo a formular conceitos referentes a vários assuntos que estão a sua volta como saúde e família, por exemplo.

Almeida (1995) ressalta que,

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio.

A educação lúdica opõe-se as escolas que não possuem planejamento e propostas, também se opõe as escolas mecânicas que cada vez mais querem mostrar aos pais como são prestativas em relação a seu serviço, enquanto seus planejamentos são pesados e irreais para as crianças.

Os professores desse tipo de escola devem saber como estimular as crianças, fazendo com que elas gostem dele não só porque ele é um professor bom

e legal, mais sim porque ele é uma fonte de informações que estará sempre a disposição dele.

O professor deve saber bem o que vai ensinar as crianças que estarão nessa escola, dominando o, contudo a ser ensinado, usando a transdisciplinaridade como base do trabalho pedagógico.

Os conhecimentos que a criança irá desenvolver na escola lúdica infantil estão correlacionados, em um nível transdisciplinar, pois ela deve manter sempre contato com a linguagem oral e a escrita, ela deve aprender a se comunicar, contando histórias e coisas sobre os acontecimentos do seu dia a dia.

O professor deve trabalhar uma sequência que possibilite através de compreensão e interpretação que a criança domine o processo de leitura e escrita.

Já o ambiente escolar deve se adequar à idade do aluno em móveis que possibilitem que sejam realizados trabalhos em grupos, deve também haver um espaço para que ela possa entrar em contato com o mundo dos livros, das revistas e dos jornais para que elas possam “ler “ e folhear.

Deve-se criar um espaço para que se possam expor os trabalhos feitos pelas crianças para que todos possam ver e observar, o progresso dessas crianças.

1.6 Métodos e formas de aprendizagem na Educação Infantil

Uma das maneiras de se ensinar na Educação Infantil é através de jogos, brinquedos e brincadeiras.

De acordo com Vygotsky (1984), ao brincar a criança cria uma zona de desenvolvimento proximal, que simplesmente é a distância entre o nível atual do desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver involuntariamente um problema; e o nível atual de potencialidade que é determinado através de resoluções de problemas com a orientação de um adulto ou com a ajuda de outra pessoa que seja capaz de resolver.

Jogos, brinquedos e brincadeiras, fazem parte do universo de aprendizagem da criança, pois estão presentes na humanidade desde o seu início.

De acordo com um artigo publicado na revista *Veja* (fev. 2007), o pouco tempo que se é dedicado aos jogos e brincadeiras, pode comprometer o desenvolvimento infantil. Pois as crianças que brincam mais se tornam pessoas melhores enquanto jovens e adultos.

Os jogos e brincadeiras (claro, aqueles que são civilizados), ensinam valores de uma forma fácil, estimulam a inteligência, o raciocínio de diferentes formas e as habilidades motoras, ajudam a criança a solucionar suas dificuldades, despertando a imaginação e a criatividade, e aliviam as tensões que são causadas por essa rotina estressante em que elas estão expostas.

Rosamilha (1979) em seu livro alerta que,

A criança é, antes de tudo, um ser feito para brincar. O jogo, eis aí um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental. Usemos um pouco mais esse artifício, coloquemos o ensino mais ao nível da criança, fazendo de seus instintos naturais, aliados e não inimigos.

As brincadeiras não devem fazer parte somente do ambiente escolar, elas devem se estender ao ambiente familiar, para que a criança possa assim ter um maior contato com seus pais ou familiares, pois nos primeiros anos de vida essas brincadeiras são essenciais.

Os pais devem brincar com seus filhos de forma espontânea, e não se sentindo obrigados por ter que dispor de 15 minutos de seu tempo para se dedicar a um benefício para seu filho.

Muitos pais ainda preferem ver seus filhos passarem o dia todo na frente dos meios eletrônicos como à televisão, videogame e computador.

Ao dar tantas obrigações a seus filhos, pela incessante preocupação com a vida profissional deles, acabam tirando sua infância, pois elas passam muito tempo em aulas de balé, esportes, cursos de línguas, ao invés de estarem fazendo muitas das vezes algo que lhe fossem mais interessantes.

Mas deve-se lembrar que a brincadeira para ser prazerosa deve ser envolvente, variada e sempre ser algo que as crianças gostem de fazer.

O método do lúdico também pode ser usado como processo educativo. O lúdico deve ser trabalhado, sem abandonar a seriedade e a importância de conteúdos que serão apresentados à criança. Para Almeida, (1995),

[...] A educação lúdica é uma ação inerente na criança e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações constantes com o pensamento coletivo [...].

As atividades lúdicas são indispensáveis para o aprendizado da criança, para seu desenvolvimento de forma sadia e para assimilação dos conhecimentos, uma vez que possibilitarão o desenvolvimento da percepção, imaginação, da fantasia e dos sentimentos.

Através das atividades lúdicas as crianças se comunicam consigo mesmas e com o mundo a sua volta, aceitando a existência dos outros. Estabelecendo relações sociais, construindo conhecimentos e se desenvolvendo integralmente.

1.7 A interdisciplinaridade na Educação Infantil

A interdisciplinaridade surge no final do século passado, com a necessidade de explicar a fragmentação causada por uma epistemologia de cunho positivista.

Antes de tudo é necessário entender que a interdisciplinaridade não é uma metodologia, antes de tudo ela representa ação, mesmo sabendo que quando falamos de interdisciplinaridade não encontramos ainda um só sentido para defini-la.

Ela se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa e de ação, ela é a capacidade de transforma o velho em novo.

A interdisciplinaridade é acreditar nas potencialidades de cada um de nós e de nossas crianças, sabendo revelar o lado artístico, poético e sensível do ser humano. A interdisciplinaridade passa a estar presente dependendo da atuação do educador.

Segundo Fazenda (1999), podemos entender por atitude interdisciplinar, uma atitude perante alternativas para conhecer mais e cada vez melhor, atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que conduz á troca, que impele ao diálogo, com pares iguais, anômalos ou consigo mesmo, uma atitude humilde diante das limitações do próprio saber, atitude hesitante diante a possibilidade de descobrir novos saberes, atitude de desafio perante o novo e um grande desafio de redimensionar o velho, uma atitude de abarcar e de se comprometer com as pessoas e com os projetos, ter o comprometimento de se comprometer em construir sempre da melhor forma possível, ser responsável e acima de tudo ter atitude de alegria, revelação, encontro e enfim de vida.

As disciplinas foram divididas em várias e a interdisciplinaridade restaura um diálogo entre elas. Ela passa a ser um termo aceito na educação por consistir como forma de pensamento.

Segundo Piaget, a interdisciplinaridade seria uma forma de chegar a transdisciplinaridade, etapa que não ficaria na interação e reciprocidade entre as ciências, mas alcançaria um estágio onde não haveria mais fronteiras entre as disciplinas.

Atualmente muitos professores têm adotado a interdisciplinaridade, dessa forma garantindo a construção do conhecimento de maneira global, desfazendo barreiras entre as disciplinas, pois apenas a relação entre elas, não seria suficiente.

Os professores devem impulsionar os alunos a estabelecerem relações entre os diversos conteúdos.

A interdisciplinaridade quando voltada para a educação se baseia em alguns princípios, dentre deles podemos destacar:

- ➔ Noção de tempo: não existe data para aprender, o aluno aprende a todo o momento dentro e fora da sala de aula;

- Embora o conhecimento seja adquirido individualmente, ele é uma soma de tudo;
- É necessário ensinar e aprender, a estudar, formando uma relação direta e individual com a obtenção do saber.

O trabalho interdisciplinar objetiva integrar os conteúdos, passando de uma concepção despedaçada para uma concepção única do conhecimento, superando a divisão de conceitos entre pesquisa e ensino, considerando a pesquisa e o estudo a partir de contribuições dos diversos conhecimentos e ter o ensino-aprendizagem situado em uma visão de que aprendemos ao longo de toda a vida, etc.

A interdisciplinaridade deve identificar o domínio de cada área. Deve propiciar condições imprescindíveis para a coexistência de um diálogo entre as disciplinas.

Capítulo II

A Origem dos Contos de Fadas

A palavra fada vem do latim *fatum* que significa destino, fatalidade, fado, etc.

Em Portugal e no Brasil, os contos de fadas, da maneira que são conhecidos hoje, surgem no fim do século XIX, com o nome de conto da carochinha, que mais tarde foi substituída por contos de fadas, já no século XX.

Os contos de fadas passaram por uma fase, após a Revolução Francesa onde boa parte do público adulto não se interessava mais por eles. Mais no início do século XIX, os contos começam a chamar atenção de pesquisadores, devido aos estudos de Gramática Comparada, que tendo por bases os sânscritos tinham como objetivo buscar e descobrir a evolução de diversas línguas e dialetos, e determinar a identidade nacional de cada povo.

Os contos de fadas são de origem celta e são uma variação dos contos populares ou fábulas. Os contos de fadas são uma narrativa curta, transmitida oralmente onde os heróis enfrentam grandes batalhas para conseguirem o triunfo contra o mal.

Possuem uma magia e encantamento contagiante, que conseguem conquistar as crianças.

Muitas histórias trazem fadas, e às vezes em outras não, mais conseguem mesmo assim trazer o encantamento e a magia para dentro de suas histórias.

As fadas são características do folclore europeu ocidental, são entidades fantásticas. São mulheres de grande beleza, imortais que possuem poderes sobrenaturais que podem interferir na vida dos mortais.

Em alguns casos podem ser consideradas bruxas, embora as bruxas que são denominadas como malvadas, muitas vezes os contos de fadas não mostram as fadas más como desprovidas de sua contagiante beleza.

Tem se notícia das primeiras referências às fadas na literatura cortesã da Idade Média e nas novelas de cavalaria do Ciclo Arturiano, tendo como base textos

de origem céltico-bretã. Essa literatura traz o amor imortal que se vinculam as fadas como Morgana e Viviana.

Coelho (1987), destaca que:

“Na maioria das tradições, as fadas aparecem ligadas ao amor, ou sendo elas próprias as amadas, ou sendo mediadoras entre os amantes. A partir da cristianização do mundo, foi esse último sentido que predominou, perdendo-se completamente aquela outra dimensão "mágica", sobrenatural”.

De acordo com Cashdan, (2000), por trazerem um núcleo problemático, os contos de fadas podem também serem interpretados como uma jornada em quatro etapas, ou seja, uma jornada interior, sendo que cada etapa desta jornada é uma estação no caminho da autodescoberta.

Em primeiro, a travessia, que leva um herói ou heroína, a lugares diferentes e é marcada por acontecimentos magníficos e criaturas estranhas.

Em segundo, o encontro, com uma presença terrível, um ogro assassino, um mago ameaçador ou outra figura com características de feiticeiro.

Em terceiro, a conquista, o herói mergulha em uma luta incansável de vida ou morte com a bruxa que acaba levando a morte desta última.

Em quarto, a celebração, onde ser um casamento de gala ou uma reunião familiar, onde a vitória da bruxa foi enaltecida e todos vivem felizes para sempre.

Os contos de fadas aos poucos vão ganhando espaço em nossa atualidade encantando crianças, com suas histórias cheias de magia e encanto que as levam criar um mundo imaginário em seus pensamentos.

2.1 A Evolução dos Contos de Fadas

Os contos de fadas não foram escritos necessariamente para as crianças, nem para dar lições de moral (ao contrário das fábulas de Esopo).

Sua originalidade trazia textos com doses fortes de incestos, canibalismos, mortes hediondas e traições entre casados. Segundo Cashdan (2000):

“Originalmente concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam - não nas creches”.

Mais para frente, Cashdan (2000) exemplifica:

“É por isso que muitos dos primeiros contos de fada incluíam exibicionismo, estupro e voyeurismo. Em uma das versões de Chapeuzinho Vermelho, a heroína faz um striptease para o lobo, antes de pular na cama com ele. Numa das primeiras interpretações de A bela adormecida, o príncipe abusa da princesa em seu sono e depois parte, deixando-a grávida. E no conto A Princesa que não conseguia rir, a heroína é condenada a uma vida de solidão porque, inadvertidamente, viu determinadas partes do corpo de uma bruxa”.

Ainda segundo Cashdan (2000), alguns folcloristas acreditavam que os contos de fadas, podiam transmitir lições sobre um comportamento correto, e assim ensinar aos jovens como alcançar o sucesso na vida, por meio de conselhos.

A convicção de que os contos de fadas possuem lições, pode ser atribuída em partes a Perrault, cuja suas historias, são acompanhadas de divertidas “morais”, que muitas vezes vem em forma de rima.

Os contos de fadas se apresentam de maneira oposta ao caminho em que a criança experimenta o mundo, por isso os contos são tão convincentes para ela.

Através deles ela consegue obter um consolo bem maior do que se fossem consoladas por um adulto. A criança confia no que os contos de fadas dizem, pois a visão de mundo ali apresentada está de acordo com a sua.

Bettelheim (1980), em seu livro destaca que,

Como todas as pessoas pré-alfabetizadas e várias instruídas “a criança assume que suas relações com o mundo inanimado formam um só padrão com as do mundo animado das pessoas: ela acaricia, como faria com sua mãe, as coisas bonitinhas que lhe agradam; ela golpeia a porta que bateu nela”.[...]

Os contos de fadas também costumam trazer dilemas, permitindo que a criança aprenda de forma mais fácil a solucionar problemas, se ao invés disso ele fosse uma trama mais complexa os assuntos se confundiriam para elas.

Os contos tendem a trazer tudo de uma forma bem simplificada, contribuindo psicologicamente para o crescimento interno da criança.

Eles aliviam as pressões cotidianas geradas por problemas, impondo coragem nas crianças, mostrando a elas que sempre há saída, assim consolando-as com um belíssimo final feliz, fazendo assim com que haja encorajamento por parte da criança para luta de valores já madurecidos e uma crença positiva da vida.

Para cada pessoa os contos de fadas têm um significado diferente, e em cada momento da vida os significados tendem a ir se modificando.

Pode se explorar muito dos contos de fadas, pois eles trazem fortes aspectos que contribuíram para a educação moral da criança.

Hoje em dia os contos de fadas não são tão conhecidos pelas crianças, eles estão ficando de lado, abandonados e sendo trocados por outros meios de ensino.

Pais e educadores se esquecem do poder que os contos de fadas têm de enriquecer as vidas das crianças, dando uma dimensão diferente por que ela não sabe ainda como as histórias funcionam colocando o encantamento sobre elas.

Assim Cashdan (2000), conclui que “os contos de fadas trazem diversos atrativos em seu conteúdo, mas a transmissão de lições não é um desses diversos atrativos contidos nele”.

2.2 O Significado Oculto dos Contos de Fadas

Nos últimos 100 anos, os contos de fadas e seus significados ocultos, têm sido analisados por diversos seguidores de diversas correntes da Psicologia.

De acordo com Cashadan (2000),

"[...] embora o atrativo inicial de um conto de fada possa estar em sua capacidade de encantar e entreter, seu valor duradouro reside no poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que elas enfrentam no processo de crescimento".

Ainda segundo ele, os contos de fadas são únicos, no sentido em que se trata de uma predisposição doentia do eu.

Após passarmos do era uma vez percebemos que os contos de fadas trazem textos que falam sobre a vaidade, inveja, gula, luxuria, avareza, hipocrisia ou preguiça, que são os sete pecados capitais da infância.

Embora os contos de fadas tratem de um modo geral mais de um pecado, a sempre um deles fazendo parte do centro das tramas.

Os contos de fadas oferecem as crianças um palco onde elas conseguem representar seus conflitos interiores. As crianças ao ouvirem um conto, projetam em seus inconscientes parte delas mesmas em diversos personagens da história, usando-os como componentes psicológicos pra elementos contrários do eu.

Ao lermos os contos de fadas podemos observar que eles

Segundo Franz (1995),

"à primeira vista, não têm nada a ver com os seres comuns ou com os caracteres descritos pela Psicologia".

2.3 De que forma se pode trabalhar com os contos de fada na Educação Infantil?

Os contos de fadas ajudam no trabalho com a leitura, pois a leitura é um dos fatores que exercem um papel fundamental não só nos anos iniciais da criança na escola, mas também por toda a sua vida.

O professor deve sempre incentivar e praticar o hábito de se ler com os alunos e a partir daí torna-se um ponto de referência para eles.

Sem a leitura não há formação total dos alunos, formando assim um aluno analfabeto, que não estará preparado para o exercício da cidadania.

Os professores devem observar o interesse e o desinteresse dos alunos pela leitura, para não criar naqueles que estão interessados, o desinteresse total pela mesma.

Os contos de fadas podem ser ensinados de várias maneiras. O teatro é uma delas, ele deve ser elaborado de acordo com a faixa etária com que se está trabalhando. A utilização da dramatização agrada muito as crianças, e proporciona com elas possam expressar sua imaginação, ajudando a criar os próprios diálogos.

Dessa forma a criança aprende mais e se sente bem mais estimulada a ler, se interessando assim muito mais pelos contos das fadas ou por outras histórias que lhe forem apresentadas. Deve se saber que o teatro não pode ser algo complexo, ele deve ter um texto de fácil compreensão.

Através do teatro a criança consegue expressar seus sentimentos, pois utilizando os personagens da história, contam seus sentimentos sem se exporem de maneira clara.

O teatro contribui para o crescimento da criança. Além do incentivo pelo gosto à leitura, ainda há o desenvolvimento da fala, a coordenação motora etc.

É importante deixar que as crianças participem de maneira efetiva na montagem do teatro, proporcionando assim um momento de interação e troca entre eles.

Outra forma de se trabalhar com os contos, também pode ser através da hora do conto. Esse momento ajuda a criança a se interessar mais pelas leituras, desenvolvendo assim sua imaginação.

A pessoa que irá narrar à história deve saber se expressar bem, deve dar um melhor tom as suas palavras, uma entonação que consiga prender a atenção das crianças.

Deve agir com emoção, para poder transportar os alunos a um mundo dentro de suas imaginações que é rico em fantasias.

Podem se utilizar bonecos que correspondam à história e que chamem a atenção dos alunos.

Outra forma de trabalho seria através das rodas de biblioteca, levando os alunos a manusearem os livros, fazendo com que eles tenham a oportunidade de conhecer e de cuidar daquele material que lhes é oferecido.

Utilizando as rodas de biblioteca, pode se explorar a linguagem oral das crianças através de recontos, com isso trabalha-se a oralidade e criatividade ativado assim o poder da imaginação infantil.

Deve-se mostrar a eles que a leitura é algo fundamental em nossas vidas, e através dela conseguimos descobrir um mundo que muitas vezes nos é desconhecido, mas que através dela se torna amplo e maravilhoso.

Capítulo III

A Importância dos Contos de Fadas na Formação da Personalidade

A literatura surge no século XVII, junto com a descoberta da prensa, mas essas histórias existem desde que o ser humano adquiriu a fala.

A fantasia foi um meio que o homem inventou na era medieval para conseguir superar as dificuldades da vida real, algumas histórias trazem temas que fazem parte da tradição de muitos povos e soluções para diversos problemas universais.

As crianças se identificam com heróis e passam a experimentar diversas emoções. Os contos de fadas possuem um gênero literário rico do imaginário popular, essas histórias permitem que as crianças vivenciem seus problemas psicológicos de um modo simbólico, conseguindo sair dessa experiência.

Para Bettelheim (1980), nenhum tipo de leitura tem a riqueza que os contos de fadas possuem, pois eles contribuem para a solução de problemas interiores da humanidade e de qualquer sociedade.

A fantasia contribuiu para a formação da personalidade e por isso não devem deixar de estar presentes na educação seja ela de qual idade for.

A criança consegue aumentar seus conhecimentos sobre o mundo que a rodeia e transfere para os personagens seus dramas principais.

As obras clássicas são referências em qualquer época da atualidade, pois consegue despertar as principais emoções humanas. As histórias nos tempos passados traziam um propósito claro, despontando padrões sociais para as crianças. Os contos de fadas têm também o poder de instruir mais que divertir.

Eles desempenham uma influência benéfica na formação da personalidade, pois, através do aprendizado dos conteúdos da estória, as crianças aprendem a vencer obstáculos.

Isso ocorre porque, a criança passa a se identificar com a estória e com seus personagens e passa a viver aquele drama que ali foi lhe apresentado de forma simples, mais com toque impactante.

Quando a criança ouve uma história seu imaginário é acionado, e as emoções que esses contos transmitem atingem diretamente sua camada endodérmica, por isso que ao ouvirem histórias, elas se emocionam, levam sustos, etc.

Alguns importantes conflitos, como a morte e as lutas entre o bem e o mal são tratadas com desfechos otimistas, oferecendo assim uma referência para que a criança possa elaborar os elementos angiógenos, que habitam sua imaginação.

Assim a criança aprende melhor e de uma forma cada vez mais clara, do que se fosse feita pela compreensão meramente intelectual.

O fato de os contos de fadas terem uma grande influência sobre a personalidade, é um dos fatores pelo quais os mesmos resistiram à passagem dos tempos e até mesmo terem alcançado a universalização.

É muito comum vermos crianças pedirem para os pais e educadores porque contém as mesmas histórias mais de uma vez, trata-se de uma referência que ela está utilizando para sua compreensão e para solucionar angústias que ainda não foram resolvidas.

A criança necessita dessa repetição para que ela consiga confirmar o que está processando. Até que ela tenha essa confirmação de que seu conflito interno já foi resolvido, ela continuará pedindo para que seja contado sempre a mesma história, ou repetição dos mesmos filmes.

Os contos de fadas têm também a função de resgate, a do resgate do tempo da alma, pois a criança precisa em sua vida infantil exercer todas as etapas de seu desenvolvimento, para que sua estrutura psicológica possa ser elaborada.

O tempo da alma regula o tempo de amadurecimento humano e oposição às cobranças que nos é imposta em no dia-a-dia sobre os indivíduos a até mesmo sobre as crianças.

Pais e educadores devem estimular as trocas, o compartilhamento dos contos de fadas, pois através dessa troca, ficará mais fácil para que as crianças exponham

o que pensam e sentem sem exporem a si mesma diretamente, já que utilizará os personagens de uma situação fictícia como apoio.

Em meio a essa atividade não se deve julgar nem censurar a criança, o importante é dar a oportunidade a criança de expressar suas dificuldades emocionais de uma maneira protegida.

Os contos de fadas oferecem as crianças uma maneira de observar que na vida é inevitável não se deparar com dificuldades, mas que se souberem lutar com garra conseguirá alcançar a vitória.

3.1 Fatores positivos para um Ambiente Educacional

O fator ambiental é, especialmente determinante no diagnóstico do problema de aprendizagem, na medida em que nos permite compreender sua coincidência com a ideologia e os valores vigentes no grupo. Paín (1985)

As escolas têm em comum a função de favorecer o desenvolvimento individual de seus alunos.

Para que haja esse desenvolvimento é necessário que as escolas, proporcionem um ambiente social positivo, para que os alunos se ajustem de uma forma cada vez melhor a ele. O ambiente escolar deve propiciar um ambiente com recursos que possam contribuir com o aprendizado da criança.

O professor não deve agir com tanto autoritarismo, pois isso pode fazer com que haja a antipatia com relação a si, fazendo com que os alunos associem a matéria ao professor e assim reajam negativamente.

Um professor com atitudes de autoritarismo, faz com que os alunos tenham a mesma atitude para com os colegas.

O aluno precisa de um ambiente de confiança e colaboração com os colegas, para que ele possa aprender. O ambiente escolar exerce uma grande influência na aprendizagem, o tipo de sala onde se recebe os alunos para aula, o modo em que se está organizada as carteiras, e a posição dos alunos é um fator positivo para um bom ambiente de trabalho.

Deve sempre haver materiais de trabalho a disposição dos alunos, o número de alunos também é importante, o professor deve conhecer todos eles e assim possibilitar um atendimento individual a cada um.

Uma boa relação com diretores e funcionários da escola, o respeito que deve partir também por parte deles proporcionará uma influência positiva.

Paín (1985) em seu livro destaca que,

[...] embora o fator ambiental incida mais sobre os problemas escolares do que sobre os problemas de aprendizagem propriamente ditos, esta variável pesa muito sobre a possibilidade do sujeito compensar ou descompensar o quadro.

O número de alunos deve possibilitar que o professor possa dar atenção a cada aluno de forma individual, fazendo com que os alunos possam ter um bom aprendizado.

A escola deve possuir meios para proporcionar uma qualidade social da educação, para formação de indivíduos criativos e críticos, preparados para o exercício da cidadania.

Os educadores devem sempre buscar proporcionar um ambiente de trabalho agradável, para que seus alunos possam se sentir bem e desejarem estar ali, pois assim favorecerá a aprendizagem dos alunos e conseguirá atingir ótimos resultados.

3.2 O Conto de Fada como Formato Pedagógico para a Aprendizagem na Educação Infantil

A utilização das histórias infantis na Educação Infantil propicia à criança o desenvolvimento da imaginação e da interpretação da realidade.

Tudo isso a partir do lúdico e do faz-de-conta, pois assim ela se torna autora de seus próprios papéis de forma a escolher, julgar e elaborar as ações dos personagens, retirando valores sem intervenção parcial ou direta do adulto.

Mais para que ocorra tudo isso, é necessário um ambiente favorável à aprendizagem em sala de aula, para que as crianças possam aproveitar com alegria a companhia dos livros tendo a oportunidade de escolha e de manipulação dos mesmos sem ficar ouvindo cobranças, podendo pensar no enredo proposto e podendo até se colocar no lugar dos personagens, conseguindo ter o contato com as histórias que ali são contadas pelos alunos em atividades de reconto que ajudam

na socialização das crianças, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre foras das pressões da realidade imediata.

3.3 Os Três Porquinhos: um misto de realidade e aprendizagem

A história dos Três Porquinhos teve sua primeira versão escrita no século XVII e hoje possui várias versões escritas nos dias de hoje.

Essa história se passa em uma maravilhosa floresta.

Leleco, Peteleco e Liloco, são irmãos, eles são três porquinhos bem gorduchinhos.

Depois de crescidos e cansados de viver dependendo de seus pais, resolvem sair de casa em busca de uma vida independente. Leleco e Peteleco eram muitos preguiçosos, só gostavam de brincar, cantar e dançar.

Chega à hora em que cada um tem de construir sua própria moradia. Leleco e Peteleco constroem suas casas de qualquer jeito.

Leleco construiu sua casa de palha e Peteleco fez a sua de madeira. Ambas ficaram rapidamente prontas, então os dois foram até onde Liloco estava construindo a sua, convidá-lo para brincar:

– Venha Liloco, construa sua casa como a nossa e venha brincar conosco.

Liloco ficou bravo respondeu:

– Já imaginou se o lobo vem? Ele nos comerá em uma bocada só. Eu não, vou construir minha casa direito não quero correr risco.

Os dois irmãos saíram cantando e rindo:

Quem tem medo do lobo mal, lobo mal...

Quem tem medo do lobo mal, lobo mal...

Trá, lá, lá,lá, trá, lá,lá,lá.

Liloco ficou ali por tempos até conseguir deixar sua casa como queria. Sua casa era feita de tijolos e cimento e com uma bonita chaminé.

Seus irmãos ficaram observando seu empenho rindo e pensando:

– Que bobo, deixou de brincar para fazer isso!

Em um belo dia, enquanto brincavam apareceu um lobo faminto louco para devorá-los, eles correram para suas casas, mais o lobo foi atrás.

Bateu primeiro na casa de Leleco:

– Abra a porta! Senão eu irei assoprar, assoprar até sua casa derrubar.

Leleco apavorado gritou que não abriria e se escondeu.

Mais o lobo assoprou e nada de sua casa sobrou. Leleco saiu correndo e foi se esconder na casa de Peteleco.

O lobo correu atrás do porquinho, chegando lá bateu novamente à porta.

– Abra a porta! Senão eu irei assoprar, assoprar até sua casa derrubar!

Os dois gritaram que não abririam de jeito nenhum, e foram se esconder.

O lobo audacioso falou:

– Vou embora, esses porquinhos estão muito magrinhos prefiro os mais gordinhos. E se afastou...

Os dois porquinhos ficaram felizes ao ver que o lobo havia ido embora, de repente bateu se a porta.

– Abra meus amigos estou precisando de ajuda!

Os porquinhos olharam pela janela e viram uma ovelhinha, mais perceberam que os dentes da ovelha eram enormes e disseram:

– Não somos bobos, não vamos abrir, não queremos virar comida de lobo.

Mas o lobo tihoso assoprou e derrubou toda a casa de madeira.

Os dois saíram em disparada e foram pedir abrigo na casa de Liloco:

– Abra Liloco! O lobo vem aí, ele quer nos devorar.

Liloco abriu a porta e logo avistou o lobo, que vinha em disparada para pegá-los.

– Abra a porta! Senão eu irei assoprar, assoprar até sua casa derrubar!

Liloco calmamente respondeu:

– Pode assoprar, pois você não irá nos pegar!

Pois o lobo assoprou, assoprou... E nada a casa nem se mexeu. Então ele assoprou mais e mais ficou até roxo de tanto esforço, e nada aconteceu.

Os porquinhos comemoraram, mais o lobo não se deu por vencido. Avistou a chaminé, e pensou é por lá que eu vou passar.

Subiu pelo telhado e entrou pela chaminé. Mas não imaginava a surpresa que lhe esperava, pois Liloco estava cozinhando sopa e quando o lobo desceu pela chaminé, caiu dentro do caldeirão fervendo e se queimou.

O susto foi tão grande, que ele saiu correndo e nunca mais voltou a perturbá-los. Os porquinhos comemoraram cantando:

Quem tem medo do lobo mal, lobo mal...

Quem tem medo do lobo mal, lobo mal...

Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá, lá.

Assim os dois porquinhos mais novos aprenderam à lição e construíram suas casa da maneira correta com tijolos e cimento.

E viveram felizes para sempre.

A história dos três porquinhos vem ensinar as crianças de uma forma divertida, que não devemos ter preguiça, pois senão poderemos sofrer as consequências da vida.

Os dois porquinhos mais novos (Leleco e Peteleco), ao construírem suas casa de qualquer jeito, foram apenas em busca de prazer imediato, sem pensar no futuro e nos riscos que correriam.

Já no caso do porquinho mais velho (Liloco), aprendeu a viver de acordo com a realidade, ele conseguiu prorrogar sua vontade de brincar, pois já temia o que poderia acontecer no futuro. Tanto é que quando o lobo assoprou as casas, as de madeira e palha desabaram (a casa dos mais novos), somente a do mais velho permaneceu em pé, pois ele utilizou materiais reforçados já pensando em sua segurança.

Segundo Bettelheim (1980),

[...] A história dos três porquinhos sugere uma transformação na qual muito do prazer é retirado, porque agora a satisfação é buscada com verdadeiro respeito pelas exigências da realidade. [...]

A criança é convidada através da história a se identificar com um dos protagonistas da trama, ela passa a receber esperança e também lhe é mostrado

que através do desenvolvimento de sua inteligência ela conseguirá sair vitoriosa, mesmo que seja sobre outro ser mais forte.

Se formos analisar o lobo mal ele tenta seduzir os porquinhos, disfarçado de ovelha para tentar devora-lo, mais não conta com a esperteza de ambos.

A criança percebe o lobo é um animal malvado porque ele tem sede de destruir.

De acordo com Bettelheim (1980), a maldade do lobo já é uma coisa que a criança traz dentro de si, a vontade de devorar e o resultado, é a ansiedade de sofrer ela mesma tal destino.

Assim o lobo é um espelho interno da criança, e a história vem ensinar como lidar de uma forma construtiva.

A história dos três porquinhos mostra a criança um pensamento sobre seu próprio desenvolvimento, não dizendo o que ela deveria ser, permitindo à criança tirar suas próprias conclusões.

Esse processo promove na criança um verdadeiro amadurecimento, pois ao dizer para criança o que ela deve fazer gerará a substituição da servidão de sua imaturidade pelo cativo da servidão das regras impostas pelos adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São notáveis os benefícios que os contos de fadas trazem para a vida das crianças, se são bem trabalhados e maneira clara na Educação Infantil.

Pois ao entrar na Educação Infantil a criança passa a vivenciar um mundo de descobertas e essas histórias contribuem para que essas descobertas sejam ainda mais amplas e construtivas.

Mas deve-se saber que os contos apresentados às crianças devem ser simples, livros pequenos adaptados para cada idade a ser trabalhada.

O professor deve despertar nas crianças o gosto por contar e ler histórias, deixando que os alunos se manifestarem de forma ordenada.

Ao observar o entusiasmo em que as crianças ficam diante dessa forma de trabalho, pode se desenvolver juntamente com outras técnicas (atividades), como o teatro (como foi visto no item 2.3).

É necessário deixar que o aluno exponha suas ideias, pois o impedindo de falar, a criança acaba se sentindo constrangida e se reprimindo. Ao estimular as crianças deve-se ter naturalidade, e sempre elogiar a todos da mesma forma para que a criança não se sinta desprezada.

Não se esquecer que os contos de fadas são uma ótima opção para se trabalhar com as crianças, hoje quase não se vê escolas e educadores que tenham como apoio os contos de fadas para ensinar.

Ao estimular essas crianças a lerem os contos estará se incentivando também à leitura de outras fontes, e mostrando que a leitura é de extrema importância para vida seja em qualquer aspecto.

É prazeroso falar de um tema que há tempos vem me encantando. Falar sobre a Importância dos Contos de Fadas me foi de grande valia, pois consegui descobrir um mundo que os contos de fadas podem proporcionar, para nossas vidas, suas contribuições para a formação da personalidade, aprendizagem e desenvolvimento infantil. Tudo isso com um misto de fantasia e encantamento.

Com base nesse trabalho ainda pode se aprofundar cada vez mais, pois ao falar de contos de fadas e educação infantil se encontra um vasto e amplo conteúdo a ser trabalhado e estudado.

Concluindo é fantástico perceber que mesmo ao longo dos tempos os contos de fadas continuam tendo importância e influência na vida das pessoas desde a infância até sua fase adulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação Lúdica: prazer de estudar Técnicas e Jogos pedagógicos. São paulo: Edições Loyola, 9 edição, 1974

BARRETO, Siderley de Jesus. Psicomotricidade: educação e reeducação. Blumenau: Odorizzi, 1998.

BEE, Helen. A Criança em Desenvolvimento. 3. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

BETTELHEIM, Bruno – A Psicanálise dos Contos de Fadas – Tradução de Arlene Caetano – Rio de Janeiro – Editora: Paz e Terra, 1980. (Literatura e Teoria Literária; V.24).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, 1998. v. 2.

CADÓRIO, Leonor. O Gosto pela Leitura. Editora Rolo & Filhos, Belo Horizonte, 2001.

CASHDAN, Sheldon. Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro:Campus, 2000.

CHATEAU, Jean. O jogo e a criança. São Paulo: Summus, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. O Conto de Fadas. São Paulo:Ática, 1987. ISBN 8508015240

CUNHA, Maria Antonieta. Literatura Infanto-Juvenil. Teoria e Prática. Editora Ática, São Paulo, 1989.

FRANZ, Marie-Louise von. O feminino nos contos de fadas. Petrópolis,RJ:Vozes, 1995. ISBN 8532614256

- GELDER, Dora Van. O mundo real das fadas. São Paulo:Pensamento, 1986.
- GOULART, Iris Barbosa. Piaget: Experiências Básicas para Utilização pelo Professor. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- GRAVES, Robert. A Deusa Branca: uma gramática histórica do mito poético. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2003. ISBN 8528608905
- HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- LAROUSSE, K. Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse. Rio de Janeiro: Larousse, 1982.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Pedagogia da animação. São Paulo: Papyrus, 1990.
- NEGRINE, Airton. Aprendizagem e desenvolvimento infantil. Porto Alegre: Propil, 1994.
- PAÍN, Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PILETTI, Nelson. Psicologia Educacional. São Paulo: Ática, 1999.
- PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 1984.
- RESENDE, Carlos Alberto. Didática em perspectiva. São Paulo: Tropical, 1999.
- RICHMOND, Peter Graham. Piaget: Teoria e Prática. 3. ed., São Paulo: IBRASA, 1981.

ROSAMILHA, Nelson. Psicologia do jogo e aprendizagem infantil. São Paulo: Pioneira, 1979.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SMITH & STRICK. Dificuldades de Aprendizagem de A a Z. São Paulo: Artes Médicas, 2001.

SNEYDERS, Georges. Alunos felizes. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SQUIRE, Charles. Mitos e Lendas Celtas: Rei Artur, deuses britânicos, deuses gaélicos e toda a tradição dos druidas. Rio de Janeiro:Record:Nova Era, 2003. ISBN 8501064769

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSHOP, Gisela. Brincar na pré-escola. São Paulo: Cortez, 1995.

WALLON, Henri. Psicologia e Educação da infância. Trad. Ana Rabaça. Lisboa: Estampa, 2005.

WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZILBERMAN, Regina. A leitura Infantil na Escola. 6º Edição. Editora Global. São Paulo. 1987.

A origem dos contos de fadas disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/contosdefadas> pesquisado em 29 de abril de 2009.

DEMO, Pedro. Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de, 1994, "L. S. Vygotsky: algumas Idéias sobre Desenvolvimento e Jogo Infantil", em Série Idéias, n.2, São Paulo: FDE. Disponível em: < http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/id_eias_02_p043-046_c.pdf > .

Acesso em: 25 de maio de 2009.

Como o bebê aprende e se desenvolve. Disponível em: < www.unicef.org/brazil/alb3pgs1a10.pdf > . Acesso em: 25 de maio de 2009.

Como é a criança de 4 a 6 anos. Disponível em: < www.unicef.org/brazil/alb5pgs01a10.pdf > . Acesso em: 25 de maio de 2009.

Como é a criança de 1 a 2 anos. Disponível em: < www.unicef.org/brazil/alb4pgs01a10.pdf > . Acesso em: 25 de maio de 2009.

MONTE, J. B. e BÚRIGO, S. A.N., 2004, Desenvolvimento Infantil sob o enfoque psicológico. Mensagem recebida via e-mail, em 07 de abril de 2009.